

ANTIGO TESTAMENTO

## Consolar: missão profética no exílio A ação do Dêutero-Isaías junto aos israelitas na Babilônia

### *Consolation: prophetic mission in the exile*

*The action of the Deutero-Isaiah among the Israelites in the Babylon*

Jaldemir Vitório\*

#### RESUMO

O Dêutero-Isaías, a quem se atribui Is 40-55, assumiu a tarefa de consolar os israelitas deportados na Babilônia. Sua profecia é introduzida com o imperativo: “Consolai, consolai meu povo, diz vosso Deus” (Is 40,1). Trata-se de missão inadiável, em face à crise gerada pelo exílio forçado, com o risco de perder a identidade étnica e religiosa, no contato com outros povos, culturas e religiões. O profeta, atento aos acontecimentos internacionais, ajudou os compatriotas a compreender as repercussões positivas da reviravolta histórica, provocada com a ascensão do império persa e a derrocada do império babilônico. Propôs-lhes, então, uma hermenêutica histórico-teológica que prospectava a esperança da volta para a Terra, pela “benevolência” dos novos dominadores. Esses seriam instrumentos da ação do Deus de Israel que, como גאֵל (*go’el*), agiria em favor de seu povo. O *Santo de Israel* (קְדוֹשׁ יִשְׂרָאֵל), expressão cunhada pelo profeta Isaías do século VIII a.C., serviu-lhe para apresentar a imagem do Deus solidário com seu povo. Por outro lado, insistiu no monoteísmo estrito, denunciando a idolatria com linguagem sarcástica, para motivar os exilados a deixarem de lado a ideia do Deus de Israel vencido por Marduk, divindade principal do panteão babilônico. Um motivo importante de consolação foi o anúncio do novo êxodo, em breve, a ser preparado com uma sincera conversão.

**Palavras-chave:** Dêutero-Isaías; Hermenêutica histórico-teológica; Consolação; Exílio; Monoteísmo

#### ABSTRACT

The Deutero-Isaiah, to whom is attributed Isa 40-55, took on the task of comforting the Israelites deported to Babylon. His prophecy is introduced with the imperative: “Comfort, comfort my people, says your God” (Isa 40,1). This is an urgent task, all the more so in the face of the crisis generated by a forced exile, that brought with it the risk of losing their ethnic and religious identity on account of their contact with other peoples, cultures and religions. The prophet, attentive to international events, helped his compatriots to understand the positive repercussions of the historic upheaval caused by the rise of the Persian empire and the collapse of the Babylonian empire. He then proposed to them a historical-theological hermeneutic that looked forward to the return to their land by the “benevolence” of the new rulers. These rulers would be instruments for the action of the God of Israel who, as גאֵל (*go’el*), would act in favor of his people. The *Holy of Israel* (קְדוֹשׁ יִשְׂרָאֵל), an expression coined by the prophet Isaiah of the 8th century BC, allowed him to present the image of God in solidarity with his people. At the same time, he insisted on strict monotheism, denouncing the idolatry with sarcastic language, in order to motivate the exiles to cast aside the idea of the God of Israel as having been vanquished by Marduk, the chief deity of the Babylonian pantheon. An important reason for their consolation was the announcement of the new exodus, soon, that was to be prepared with a sincere conversion.

**Keywords:** Deutero-Isaiah; Historical-Theological Hermeneutic; Consolation; Exile; Monotheism

\*Doutor em Teologia Bíblica, pela PUC-Rio. Professor de Teologia no Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE, na área de Teologia Bíblica. <jvitoriosj@faculdadesjesuita.edu.br>.

## Introdução

Uma função importante do Dêutero-Isaías consistiu em consolar os israelitas forçados a migrar para a Babilônia, em 597 a.C. e 587 a.C.<sup>1</sup>. O exílio aconteceu de maneira seletiva. Foram deportados o rei com sua corte e os estratos sociais que viviam em função dela (sacerdotes, profetas áulicos, profetas cúlticos, funcionários e assessores), lhe davam proteção (militares), estavam a seu serviço (artesãos e amanuenses) ou usufruíam das benesses do sistema e lhe davam sustentação financeira (ricos e latifundiários). Enfim, todos quantos pusessem em risco a hegemonia babilônica.

A vida de exilado não implicava, necessariamente, sofrimentos físicos ou vexações<sup>2</sup>. “Os sofrimentos dos exilados eram interiores e não se baseavam em suas condições de vida [...] levavam uma vida razoavelmente confortável. [...] viviam na condição de súditos reassentados à força, mas de modo algum como escravos. Tinham relativa liberdade de ir e vir, podiam construir casas, cultivar plantações, praticar o comércio e levar uma vida normal, correspondente às circunstâncias (Jr 29). [...] Em nenhum lugar está documentado que eles fossem obrigados à corveia” (DONNER, 1997, p.435-436)<sup>3</sup>. Eis porque muitos israelitas abraçaram a nova realidade, como possibilidade de começar uma nova vida. E se inseriram no universo babilônico, sem se importar com o que haviam perdido, nem cultivar a esperança de voltar para a terra dos pais (VENÂNCIO; VIEIRA, 2015, p.78). Outros, pelo contrário, mantiveram-se fiéis à fé dos antepassados. Esses se viram mergulhados numa profunda crise, em face aos pilares da religião reduzidos a ruínas: o templo fora saqueado e destruído; o rei, exilado; a terra ficou para trás (cf. 2Rs 25,1-21). Convivendo com povos de diferentes etnias, culturas e religiões, corriam o risco de perder a identidade étnico-religiosa, num ambiente em que careciam de peso social. Era, apenas, um povo em meio a tantos outros.

A crise maior dizia respeito à identidade de seu Deus – YHWH – a quem aprenderam a cultuar como Deus dos deuses, Senhor dos senhores, YHWH dos Exércitos, o Onipotente (cf. Dt 10,17; Sl 136[135],2-3). A cosmovisão religiosa da época, comum a todos os povos, considerava vencidos os deuses dos povos subjugados, impossibilitados de se imporem ao deus dos vencedores (ACQUAROLI, 2014, p.375-382). Nessa lógica, Marduk, divindade principal do panteão babilônico, vencera YHWH<sup>4</sup>. Os israelitas piedosos viam-se confrontados com uma questão inexcusável: fomos enganados ao colocar nossa confiança em um Deus

<sup>1</sup> No capítulo dedicado a Is 40-55, com o título “Adeus ao Dêutero-Isaías?”, SICRE DÍAZ (2016, p.279-287) faz uma resenha dos estudos sobre esse bloco literário surgido no exílio, cujo autor vai “de um grande profeta a um grupo de cantores” (p.279-280). O “ponto de vista, hoje em dia majoritário”, tende a identificá-lo “com cantores do templo”. É provável “que tenha havido um grande cantor teólogo no início do processo e um grande cantor literário no final do mesmo”. Esse debate ultrapassa o interesse do presente texto. Utilizamos a identificação tradicional – Dêutero-Isaías –, quaisquer que tenham sido os autores reais do texto bíblico, pois nos interessa o *autor implícito*, presente nas entrelinhas da profecia exílica.

<sup>2</sup> Para um breve esboço da situação dos exilados, ROSSI, 1994, p.41-42; SCHWANTES, 2007, p.23-28; CARLESSO, 2017, p.120-135.

<sup>3</sup> Algumas passagens do Dêutero-Isaías podem ter como pano de fundo uma mudança de situação da segunda leva de deportados, considerando a dureza com que os babilônios trataram Jerusalém e o templo, como resposta à insurreição da liderança de Judá (2Rs 25,1). Is 42,7 refere-se a “soltar do cárcere os presos e da prisão os que habitam nas trevas”. Is 42,22 fala de “presos em cavernas” e “retidos em calabouços”. Is 47,6 alude ao “duro peso do jugo” e 50,6, a uma autêntica cena de tortura. Seriam referências ao segundo grupo de exilados?

<sup>4</sup> “O problema do poder era fundamental, uma vez que a muitos israelitas haveria de parecer que Yahvé tinha sofrido uma derrota humilhante às mãos do deus da cidade de Babilônia, Marduk, cujos emblemas e estátuas eles tinham a humilhação de ver passar, em procissão, ao longo das ruas (ver Is. 45,20; 46,1-2). [...] A polêmica contra tal atribuição, que ouvimos mais de uma vez ao longo destes capítulos, mostra-nos o profeta a abrir os olhos a Israel para uma incipiente teologia da história e do poder na história” (BLENKINSOPP, 1966, p.41).

impotente diante do deus dos nossos opressores? Fomos entregues nas mãos dos inimigos, sem que nosso Deus nos socorresse? E, agora, estamos largados à nossa própria sorte?

Nesse ambiente tenebroso de crise de fé, desponta o profeta, chamado Dêutero-Isaiás pelos biblistas, com a missão de consolar o seu povo<sup>5</sup>. Mostraremos como a missão de consolar implicava manter viva a chama da esperança de voltar para a Terra; reforçar a certeza da presença amorosa de Deus, incapaz de desamparar seu povo; alertar contra a tentação da idolatria; recordar os *gesta Dei* de outrora e, sobretudo, ajudar os exilados a fazer a leitura dos sinais dos tempos, como hermenêutica teológica da história.

Se o 2º Isaiás é lido como obra literária, seguindo a evolução da mensagem, se capta nitidamente a intenção de *convencer* os cativos de que a libertação não só é possível, mas também certa. Quem a promete não é um “Deus vencido” – o castigo de Judá fora decidido por Yavé e não por outros Deuses (42,24s “Quem entregou Jacó ao despojo, e Israel ao saque? Acaso não foi Yavé, contra quem pecamos?: 43,28; 47,6a; 48,3.10s.17-19) – senão o único que tem o controle do cosmos (é seu criador) e da história (CROATTO, 1994, p. 75 – grifo do autor).

## 1 Consolar (נחם), um verbo fundamental no vocabulário deuteroisaiano

A raiz נחם, no *piel*, ocorre 8 vezes, com duplo uso em dois versículos (cf. Is 40,1 [2x]; 49,13; 51,3 [2x]; 51,12.19; 52,9; em Is 54,11 é usada a forma *pual*) no Dêutero-Isaiás, fazendo a missão do profeta ressoar ao longo da obra.

Is 40,1 contém um duplo imperativo plural – נחמו – como se Deus estivesse convocando todos para um grande mutirão de consolação, destinado a um povo cansado de sofrer e de sentir o peso da mão divina – “Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus”. Em Is 40,6, a primeira pessoa do singular – “Uma voz me diz: ‘Grita!’ Eu respondo: ‘O que devo gritar?’” – revela a disposição do profeta de abraçar, de maneira decidida, o que Deus lhe pede e realizá-lo, a qualquer preço, proclamando que “a palavra (דבר) do nosso Deus sempre se cumpre (lit. “fica de pé” – יקר) (Is 40,8). Os exilados haveriam de constatar a fidelidade de Deus às suas promessas de outrora. No passado, agira como libertador; o mesmo acontecerá no presente.

Is 49,13 atribui a Deus a tarefa de consolar – “Montanhas, rompam em aclamações, pois Deus consola (נחם) seu povo e se compadece (רחם) de seus pobres”. A consolação acontece por mediações humanas, como é o caso do profeta, e o destinatário é o povo (עמו), em que os pobres (עניים) são os privilegiados da ação divina. Quem se exclui da categoria de pobre, desamparado, aflito, dispensa a consolação de Deus. Esse, jamais, se enquadrará na sequência do oráculo (cf. Is 49,15-17), onde Deus mesmo declara ser impossível esquecer (לא אשכח) seu povo, por tê-lo tatuado (תקתי) na palma da mão.

Is 51,3 alude, de novo, à tarefa consoladora do Deus de Israel – “Deus consola (נחם) Sião, consola suas ruínas: converterá seu deserto num paraíso (עדר) e suas estepes em

<sup>5</sup> O Dêutero-Isaiás, diferentemente dos profetas pré-exílicos, não acusa os exilados pelos pecados denunciados desde Amós até Ezequiel, e “sim pela incapacidade de acreditar que Yahweh, realmente, é capaz e está a ponto de salvá-los” (GOWAN, 1998, p. 149). Daí a acusação: “Ele vê muitas coisas, mas não as enxerga; seus ouvidos estão abertos, mas ele não ouve!” (Is 42,20; 43,25; 44,22).

jardim (גַּן) do Senhor. Nela se encontrarão gozo e alegria, cânticos de ações de graças e som de música”. “De Babilônia, o profeta transfere-se espiritualmente para Jerusalém (como em 40,9). A cidade escolhida será paraíso divino, onde ressoa alegre festa litúrgica” (ALONSO SCHÖKEL; SICRE DÍAZ, 1988, p. 332). Consolar conota reconstruir, após a destruição, numa transformação radical da realidade caótica. O deserto tornar-se-á paraíso; as várzeas serão o parque de Deus, com muita música e regozijo. A dureza do passado ficou para trás! Cânticos de ação de graças louvarão a Deus por sua presença consoladora.

Is 51,12 – “Eu, sou eu aquele que vos consola (מְנַחֵם אֲנִי)” – constata Deus agindo em favor de seu povo, no presente, embora os exilados não o percebam, ao se esquecerem de quem os criou, “estendeu os céus e fundou a terra” (Is 51,13). “Não é que Deus durma, mas sim que o homem se esquece” (ALONSO SCHÖKEL; SICRE DÍAZ, 1988, p. 334). Os exilados serão capazes de se alegrar e ficarão com o coração repleto de alegria, quando virem ficar para trás “o sofrimento e a aflição” (Is 51,11), ou seja, quando a consolação se concretizar em feitos visíveis.

Is 51,19 comporta duas perguntas retóricas, cuja resposta é “Deus” – “Duas coisas aconteceram contigo. Quem se compadecerá de ti (יְנַחֵם לָךְ)? [...] Quem te consolará (אֲנִי מְנַחֵם)?” Segue-se a resposta: “Assim diz teu Senhor, teu Deus, que toma a defesa de seu povo: Eis que tiro de tua mão o cálice da vertigem. Tu nunca mais beberás na taça do meu furor” (Is 51,22). Da mesma forma como Deus castigara seu povo com o exílio, consolaria os exilados, pondo fim aos seus sofrimentos. Como pano de fundo, está o senhorio absoluto de Deus sobre a história, na qual age, servindo-se dos agentes humanos e suas opções. Esses serão os instrumentos dos quais Deus se servirá para oferecer um futuro feliz ao povo exilado, ao banir de seu meio a dor e o sofrimento.

Is 52,9 fala da consolação definitiva como resgate – “Regozijai-vos, rompei juntas em cantos de alegria, ruínas de Jerusalém, porque Deus consola (נָחַם) seu povo e resgata (נָצַל) Jerusalém”. O foco da ação divina é a cidade de Jerusalém, lugar da morada do Deus de Israel, destruída pela fúria devastadora dos babilônios. Uma cidade inteiramente refeita pelo amor misericordioso de Deus de Israel surgirá dos destroços, pois Deus ama seu povo e agirá em seu favor como נָחַם consolador.

O agente da consolação é sempre Deus, que se serve das mediações históricas para levar a cabo sua ação em favor do seu povo<sup>6</sup>. Uma leitura atenta de Is 40-55 detecta o esforço do profeta para convencer os exilados sem esperança de que algo grandioso está em processo de gestação. Com reflexões perpassadas de metáforas e simbolismos, a exigirem empenho dos leitores e dos ouvintes, tece suas reflexões carregadas de fé e de esperança, características de quem é capaz de fazer a hermenêutica da história com os olhos de Deus.

Os tópicos seguintes pontuarão alguns elementos trabalhados pelo Dêutero-Isaías, no empenho de levantar o ânimo dos exilados e lhes descortinar novas perspectivas, motivando-os a se lançarem na construção do futuro querido por Deus. “O consolo oferecido não é resignação no sofrimento, mas libertação iminente” (CROATTO, 1998, p. 30).

<sup>6</sup> “O ‘desejo’ de salvar, a vontade de Yavé de tirar da Babilônia os exilados e de reunir os dispersos (42,6; 49,5s), é um motivo trabalhado com léxico especial, que reforça a mensagem global, dirigida constantemente para demonstrar não apenas a vontade de Yavé de salvar, mas também que apenas ele o pode fazer, não os outros Deuses (por exemplo, o tríplice ‘eu’ enfático de 46,4b ou o também tríplice ‘o que diz’ de 44,26b-28a)” (CROATTO, 1994, p. 74).

## 2 O despertar da esperança: a reviravolta na política internacional

A consolação começa a tomar corpo em forma de esperança com a reviravolta no cenário internacional, quando o rei Ciro assume o comando do Império Persa, que porá fim ao Império Babilônico, em 539 a.C. O Dêutero-Isaías faz-lhe duas alusões, sem explicitar-lhe o nome (cf. Is 41,2-3; 45,13) e outras duas com referência nominal a Ciro (cf. Is 44,28; 45,1). A segunda alusão implícita (cf. Is 45,13) é carregada de bons augúrios: “Fui eu que suscitei este homem para assegurar a implantação da justiça e aplainarei todos os seus caminhos. Ele reconstruirá a minha cidade e reconduzirá os meus exilados, sem preço e sem indenização, diz o Senhor dos Exércitos”.

O Dêutero-Isaías aplica-lhe os títulos de “pastor” (רֹעֶה – cf. 2Sm 7,8) e de “ungido” (מָשִׁיחַ – cf. Sl 2,6-7), exclusivos dos reis de Israel, entretanto, referidos a um rei estrangeiro. O pano de fundo é a imagem do Deus soberano de Israel, que se servirá de um conquistador estranho para concretizar seus propósitos em favor do povo exilado<sup>7</sup>. De Ciro se diz: “Por causa de meu servo Jacó, e de Israel, meu escolhido, eu chamei você pelo nome e lhe dei um sobrenome, embora você não me conheça” (Is 45,4)<sup>8</sup>.

A primeira missão de Ciro, em relação aos israelitas, tanto os exilados quanto os remanescentes de Judá, consistirá em reconstruir Jerusalém e o Templo – “Eu digo a Ciro: ‘Meu pastor’ (רֹעֶי). Ele realizará tudo o que eu quero, dizendo a Jerusalém: ‘Você será reconstruída’, e ao Templo: ‘Você será reedificado desde os alicerces’” (Is 44,28). Poderia haver proclamação mais consoladora para os exilados? O tempo da reconstrução estava chegando (cf. Jr 31,38-40).

O rei persa, saudado como “ungido” de Deus, terá, também, a missão de pôr fim ao exílio, sob a guia divina. “Assim diz Deus a Ciro, seu ungido, que ele tomou pela mão, para dobrar as nações diante dele e desarmar os reis, para abrir diante dele as portas, para que os portões não sejam fechados. [...] Foi por causa do meu servo Jacó, por causa de Israel, meu escolhido, que eu te chamei pelo teu nome, e te dou um nome ilustre, embora não me conhecesses” (Is 45,1.4). Os raios do sol da liberdade começavam a despontar no horizonte.

A pregação do Dêutero-Isaías tinha fundamento. A hegemonia persa era imposta de maneira distinta daquela dos babilônios. Esses levavam para a capital do Império, Babel, as lideranças dos povos subjugados, com o objetivo de tirar-lhes qualquer possibilidade de se organizarem e se tornarem ameaça para seus dominadores. Os persas tinham como base a captação da benevolência dos povos vassalos. Eis porque o Dêutero-Isaías estava seguro de que o novo soberano permitiria aos israelitas exilados não só voltarem para sua terra, mas também lhes favoreceria a obra de reconstrução da capital e do templo arruinados.

A consolação, nesse caso, consistia em ajudar o povo a fazer uma leitura positiva da história, percebendo o potencial de esperança contido na nova ordem mundial em fase de

<sup>7</sup> Esse modo de pensar supõe liberdade em relação à teologia deuteronomista, que prescreve: “É um dos teus irmãos que estabelecerás como rei sobre ti. Não poderás nomear um estrangeiro (יָזָרָי) que não seja teu irmão (אֶחָיוֹ)” (Dt 17,15).

<sup>8</sup> “Por sua [a comunidade de Israel] causa YHWH move a história, inclusive o poderoso império persa (Is 45,1-4)” (GERSTENBERGER, 2014, p. 487).

implantação. O consolador ajudou o povo a alargar sua mirada e perceber as consequências benéficas do atual contexto internacional<sup>9</sup>.

### 3 YHWH, o גאל de Israel, defensor de seu povo

Um elemento importante na pedagogia profética da consolação é o reforço espiritual dos exilados, no processo de superação da crise teológica, por meio de uma “redescrição de Javé [...] à altura dos novos desafios colocados” pelo exílio, criando “novos modos de falar de Javé em resposta à teologia dos babilônios” (ZABATIERO, 2007, s.p.).

Corria, entre eles, a convicção de terem sido abandonados por seu Deus, chamado pela tradição dos pais de “rei da glória”, “o forte”, “o valente”, “Deus dos exércitos” (Sl 24 [23],8-10). As “evidências” históricas, muito frescas na memória do povo, iam na contramão da fé. Tudo indicava ter sido o Deus de Israel vencido por Marduk, o deus dos babilônios. Isso devia também ser reforçado pela liturgia e pela propaganda dos babilônios. Portanto, os israelitas, exilados ou não, estavam votados ao abandono!

Uma metáfora contundente, atribuída ao próprio Deus de Israel, serve para desmentir o que corria de boca em boca. “São dizia: ‘YHWH me abandonou, o Senhor me esqueceu!’ Mas pode a mãe se esquecer do seu filhinho? Pode deixar de amar o filho de suas entranhas? Ainda que ela se esqueça, eu não me esquecerei de ti. Veja! Eu te tatuei na palma da minha mão. Tuas muralhas estão sempre diante de mim” (Is 49,14-16) (WEBLER, 2006). “O ‘incrível, mas possível’ numa mãe é ‘incrível e impossível’ nele” (CROATTO, 1998, p. 214). O Deus dos exilados, mais que nunca, estava junto de seu povo, pois, em hipótese alguma, virará as costas ao seu povo eleito (cf. Is 41,8-10; 43,4; MARQUES;NAKANOSE, 2006, p. 60-69).

O amor entranhado de Deus pelos israelitas exilados ocorre em outra metáfora teológica, tirada do direito de Israel. Deus é pensado na condição de גאל do povo<sup>10</sup>. Esse vocábulo ocorre dez vezes na profecia deuterossaiana<sup>11</sup>. O גאל é o protetor dos fracos e desamparados; defensor dos pobres e indefesos; resgatador de quem foi reduzido à escravidão. Destarte, o Israel exilado é figura do sofredor, do que perdeu a liberdade, do que não tem como se defender. Daí a importância de o גאל intervir sem demora, para resgatá-lo e libertá-lo (VITÓRIO, 2016, p. 11-27).

Qual verdadeiro גאל, o Deus de Israel assumirá seu papel. Apesar de ser como um “vermezinho”, Israel não tem motivos para se desesperar, pois “teu protetor (גאלך) é o Santo de Israel” (Is 41,14). Ele enviou alguém para libertar seu povo, por ser “vosso protetor (גאלכם), o Santo de Israel” (Is 43,14). Pelo fato de não ter concorrente, pode atuar em favor do seu protegido, enquanto גאל (cf. Is 44,6) que ama Israel desde que estava no ventre materno (cf. Is 44,24). Cabe a Israel reconhecer “Aquele que é nosso protetor (גאלנו), seu nome é YHWH dos exércitos, o Santo de Israel” (Is 47,4). Deus é o גאל pedagogo de Israel, que o guia pelo bom caminho em terras estranhas (cf. Is 48,17).

<sup>9</sup> “O retorno, moralmente preparado em Isaías 40-55, parece ter-se iniciado imediatamente depois da tomada de poder por Ciro na Babilônia. O grande rei persa teria anunciado por todo o império um Édito segundo o qual seria permitido aos judeus da Babilônia retornar a Jerusalém. Além disso, aqueles que retornavam deveriam receber forte apoio financeiro, aparentemente dos que foram até então seus vizinhos e que tinham outra fé” (GERSTENBERGER, 2014, p. 18).

<sup>10</sup> “Redentor’ é uma palavra que, especificamente, refere-se a relações familiares. Assim, esta é outra maneira escolhida pelo Segundo Isaías para enfatizar a proximidade das relações entre Yahweh e Israel” (GOWAN, 1998, p. 150).

<sup>11</sup> Além das 10 ocorrências da forma participial *gal* (גאל – cf. Is 41,14; 43,14; 44,6.24; 47,4; 48,17; 49,7.26; 54,5.8), a raiz verbal *gal* é usada 1x no particípio passivo *gal* (גאלים – cf. Is 51,10), 5x no perfeito *gal* (גאל, גאלתי, גאלתה – cf. Is 43,1; 44,22.23; 48,20; 52,9) e 1x no imperfeito *nifal* (תגאלי – cf. Is 52,3).

O povo “desprezado pelas nações” e “escravo dos poderosos” pode saber que tem um אלהים para defendê-lo (Is 49,7), “o teu salvador e o teu protetor (אלהים), o Poderoso de Jacó” (Is 49,26; cf. Is 54,5). A atitude divina em relação aos exilados é altamente consoladora: “Num ímpeto de ira, por um momento eu escondi de ti meu rosto. Agora, com amor eterno, volto a me compadecer de ti, diz YHWH, o teu protetor (אלהים)” (Is 54,8).

Com tal אלהים, que motivos tem Israel para se deixar abater e abrir mão da esperança? A consolação que vem da reconstrução da imagem de Deus, pensado como Deus solidário e partidário de seu povo, tem como efeito ajudar os exilados a levantar a cabeça e olhar para o futuro, com a absoluta certeza de que os sofrimentos haveriam de ter fim. Afinal, Deus abraçara a causa de seu povo, como um אלהים luta em favor do seu protegido.

A ação misericordiosa do Deus *go'el* faz desabrochar a esperança no coração do Israel exilado. O futuro descortinava-se como tempo de retomar a vida na terra dos antepassados, deixando para trás o cativeiro babilônico e tudo quanto representava de negação dos valores mais caros do povo de Israel. Tratava-se de esperar, quando já não havia motivos e tudo apontava para o desfecho da relação de Yahweh e Israel, feita de altos e baixos, ao longo dos tempos (VITÓRIO, 2016, p. 23).

#### 4 Na contramão da cosmovisão religiosa popular: só existe YHWH!

Outro tópico da pedagogia da consolação do Dêutero-Isaías consistiu no desmentido de uma teologia difundida entre o povo que falava do Deus de Israel vencido pelo deus dos babilônios e insistia no monoteísmo estrito, em que se negava a existência de qualquer outra divindade fora do Deus de Israel<sup>12</sup>. Por isso, urgia-se superar uma espécie de “depressão” teológica provocada pelo pensamento da possibilidade de o Deus de Israel ter sido vencido e, com isso, parecer um deus não confiável<sup>13</sup>.

O Dêutero-Isaías afirmará, de maneira categórica e reiterada, a existência de um Deus único, o Deus de Israel (LORASCHI, 2014, p. 283-394). Fica descartada a possibilidade de ter sido derrotado pela divindade babilônica e ser um Deus de categoria inferior. O Senhor mesmo declara: “Nenhum Deus existiu antes de mim, e depois de mim nenhum outro existirá” (Is 43,10). Ou, então, “Assim diz YHWH, o Rei de Israel, seu protetor, YHWH dos exércitos. Eu sou o primeiro, eu sou o último. Fora de mim não existe outro Deus. [...] Existe outro Deus além de mim? Pelo que eu saiba, não existe nenhuma outra Rocha” (Is 44,6.8). “Eu sou YHWH, e não existe outro. Fora de mim não existe Deus algum. [...] Fora de mim não existe nenhum outro. Eu sou YHWH, e não existe outro” (Is 45,5.6). “Eu sou YHWH, e não existe outro. [...] Fora de mim não existe outro Deus. Não existe Deus justo e salvador, a não ser eu. [...] Eu sou Deus e não existe outro” (Is 45,18.21-22). “Eu sou Deus, e não existe outro. Eu sou Deus, e não existe outro igual a mim” (Is 46,9). Esta era uma forma de se contrapor à ideologia religiosa e teológica dos babilônios e reforçar a fé dos israelitas exilados (ZABATIERO, 2007, s.p.).

<sup>12</sup> “O monoteísmo implícito ou prático que encontramos nos profetas anteriores, que não negam a existência de outros deuses, mas consideram ser Yahweh o único poder com que se possa contar, tornou-se explícito no Segundo Isaías”. Apenas Dt 4,35.39 são afirmações monoteístas, como as do profeta do exílio (GOWAN, 1998, p. 152).

<sup>13</sup> “A insistência no caráter único de Javé como Deus não é uma afirmação dogmática do monoteísmo, que não viria ao caso, mas de exclusividade como salvador. [...] É sua capacidade salvadora que é julgada. Isso é decisivo para os que sofrem no exílio” (CROATTO, 1998, p. 149).

O Deus de Israel não tem concorrentes. Donde sua condição de senhor do mundo, de todos os seres vivos e do ser humano. “Se existe apenas um único Deus, tudo o que acontece, tudo o que se manifesta desde a criação do mundo até à eternidade depende dele” (FOHRER, 1983, p. 402). Dar importância a Marduk ou a qualquer divindade é uma completa insensatez. Fora do Deus de Israel, tudo mais são criaturas que lhe estão submetidas e das quais se serve como mediações para realizar o projeto de salvação para seu povo. Por conseguinte, embora no período pré-exílico já se possa encontrar elementos de monoteísmo, o Dêutero-Isaías foi seu “primeiro representante” e “o primeiro a tirar as conclusões completas” dessa imagem de Deus (FOHRER, 1983, p. 209-357).

Com perguntas retóricas, Deus alerta os exilados para sua condição de criador e, *a fortiori*, de salvador. “Quem mediu toda a água do mar na concha da mão? Quem mediu a palmas o tamanho do céu? Quem mediu numa vasilha o pó da terra? Quem pesou as montanhas na balança e as colinhas nos pratos?” (Is 40,12). Mais adiante, afirma sua condição de Deus Criador. “Minha mão fundou a terra, minha direita estendeu os céus. Basta eu chamá-los, e eles comparecem juntos” (Is 48,13; cf. 44,24; 45,18).

A força principal da afirmação da unicidade de Javé recai sobre a crítica à ideologia dos babilônios. Somente Javé é o Deus criador, o vencedor e salvador, o Deus justo que anuncia o que fará antes de fazê-lo, o senhor da história. Para o Segundo Isaías, a descrição monolátrica de Javé não era mais suficiente para manter a fé e a identidade do povo de Deus. Era necessário ir além, avançar para uma afirmação mais ousada e polêmica: somente Javé é Deus! Um passo gigantesco dado por derrotados sem nenhuma forma de verificação histórica – sem cidade, sem templo, sem palácio. Somente a fé e a esperança estão na base da afirmação monojavista. Em um ambiente cultural em que cada cidade possuía o seu deus, a afirmação de que há somente um Deus possui implicações políticas e religiosas de largo alcance (ZABATIERO, 2007, s.p.).

O Dêutero-Isaías, no processo de consolar os exilados, retoma do Proto-Isaías a expressão “Santo de Israel” (שֶׁרָאָהּ), resumo da identidade do Deus de Israel na relação com seu povo<sup>14</sup>. “Tu te alegrarás com YHWH e te orgulharás do Santo de Israel [...] Todos vejam e saibam, reflitam e aprendam que a mão de YHWH fez isso, e quem o criou foi o Santo de Israel” (Is 41,16.20). “Eu sou YHWH teu Deus, o Santo de Israel, teu Salvador. [...] Assim diz YHWH, o vosso protetor, o Santo de Israel: Em vosso favor eu mandei alguém à Babilônia. [...] Eu sou YHWH, o vosso Santo, o criador de Israel, o vosso rei” (Is 43,3.14.15). “Assim diz YHWH, o Santo de Israel, aquele que o modelou...” (Is 45,11). “Assim diz YHWH, seu protetor, o Santo de Israel: Sou eu, YHWH, o teu Deus, quem te ensina para o teu bem e te guia pelo caminho que tu deves seguir” (Is 48,17). “Assim diz YHWH, o protetor e Santo de Israel, para aqueles cuja vida não vale nada, que são desprezados pelas nações, que são escravos dos poderosos: ‘Os reis verão e ficarão de pé, os chefes se ajoelharão, porque YHWH é fiel, e o Santo de Israel te escolheu’” (Is 49,7). A expressão ocorre, ainda, em Is 55,5.

Santo de Israel aponta para elementos importantes da fé dos exilados, a serem recuperados num processo de consolação, enquanto esforço de reanimar os desiludidos, em face à crise que os atordoava. O vocábulo Santo (שֶׁרָאָהּ) aponta para a transcendência divina, para além

<sup>14</sup> A expressão “denota a exaltação e a inacessibilidade de Iahweh, sua absoluta onipotência (*kabôd* como a ‘energia’ que enche o mundo) e o poder de sua vontade ética (Is 6,5)” (FOHRER, 1983, p. 206).

das criaturas, quaisquer que sejam. Desse modo, pensá-lo vencido por Marduk é um grave equívoco. O deus dos babilônios de forma alguma poderá alcançar a grandeza do Deus Santo.

A segunda parte da expressão – de Israel – conota relação e aponta para a imanência do divino. O Deus transcendente está intimamente implicado com a vida e a história de seu povo; em nenhuma circunstância o deixará largado à própria sorte, entregue nas mãos dos inimigos. Por estar tatuado na palma da mão de seu Deus, seria eternamente lembrado e cuidado. Como u'a mãe zelosa, defenderia o fruto de suas entranhas, com gestos impactantes de proteção (cf. Is 49,14-16). Por conseguinte, a relação Deus-Israel, no contexto do exílio, tornou-se ainda mais forte, pois é quando Israel mais necessita do amparo de seu Deus!

Uma teologia consistente pode ser motivo de consolação. O Dêutero-Isaías falou aos exilados de um Deus muito presente na vida de seu povo, deixando de lado as imagens negativas de deus vencido e ausente. Só existe YHWH, o Deus Santo de Israel, **יְהוָה** libertador do povo exilado!

## 5 A luta contra a idolatria

Como desdobramento do monoteísmo e da identidade de Deus como o Santo de Israel, o Dêutero-Isaías satiriza os ídolos e seus adoradores (LORASCHI, 2014, p. 391-392). Seu objetivo é alertar os exilados para a insensatez de pensar o Deus de Israel vencido por Marduk, ídolo sem importância, produto da inventividade humana, desprovido de transcendência<sup>15</sup>. “O escultor faz uma estátua. Vem o ourives e a cobre de ouro e lhe solda correntes de prata. Quem faz uma oferta pobre, escolhe madeira que não apodreça e procura um escultor hábil para fazer uma estátua que não se mova” (Is 40,19-20). Ou, então: “O escultor anima o ourives. Aquele que forja com martelo anima a quem bate na bigorna, falando da solda: ‘Ela está boa’. Depois, firma a estátua com pregos, para que não se mova” (Is 41,7).

Is 44,9-20 contém uma declaração contundente: “Os fabricantes de estátuas são todos um nada e suas coisas preferidas não têm valor. Seus devotos nada veem nem conhecem, e por isso acabam sendo enganados. Quem formaria um deus ou fundiria uma imagem, senão para conseguir alguma vantagem? Veja: seus devotos todos são enganados, porque os escultores não são mais que homens. Que eles todos se reúnam para comparecer: ficarão apavorados e envergonhados” (v. 9-11). O profeta alonga-se em descrever o processo de fabricação de um ídolo, em todas suas etapas, até que de um pedaço de madeira surja uma imagem esculpida, diante da qual o incauto adorador se ajoelha e diz: “Salva-me, porque tu és meu deus” (v. 17).

Os adoradores do Deus de Israel perdem tempo ao superestimar as divindades babilônicas, capitaneadas por Marduk, e pensar na possibilidade de terem alguma influência na história de qualquer povo, tanto menos, na dos exilados israelitas. Se derem ouvidos ao profeta, terão bons motivos para se sentirem consolados. A relação YHWH-Israel está fora da interferência de Marduk ou de qualquer outra divindade, pois são deuses que não salvam (CROATTO, 1998, p. 148).

<sup>15</sup> “A redescritção ‘monoteísta’ deve ser entendida como a resposta teológica dos judaítas à dominação imperial babilônica, legitimada pela soberania universal de Marduque sobre os deuses e, conseqüentemente, sobre toda a terra” (ZABATIERO, 2007, s.p.).

## 6 Um novo êxodo desponta no horizonte: é preciso preparar-se!

O Dêutero-Isaias contempla o futuro com grande esperança e antevê um evento extremamente consolador para os exilados: um novo êxodo está na iminência de acontecer (LORASCHI, 2014, p. 387-388). Pode-se dizer que “o núcleo do conteúdo profético de Isaiás 40-55 é o *retorno à terra*” (SCHWANTES, 2007, p. 97 – grifo do autor). O passado – “Não foste tu que secaste o mar, as águas do grande abismo, tu que fizeste um caminho pelo fundo do mar para que os protegidos pudessem atravessar?” (Is 51,10) – prospecta luzes para o futuro – “Os resgatados de YHWH voltarão! Entrarão em Sião, cantando e trazendo consigo alegria eterna. Serão acompanhados de júbilo e contentamento. Tormento e aflição ficaram para trás. Quem é você para ter medo de um ser humano, de uma criatura humana que acabará como erva? [...] Eu pus minha palavra na sua boca e escondi você na sombra da minha mão: para plantar os céus, para fundar a terra e dizer a Sião: ‘Tu és meu povo!’” (Is 51,11-16; cf. 43,16-19)<sup>16</sup>.

A presença hegemônica do Império Persa no cenário internacional permitia-lhe proclamar, de forma peremptória: “Saí da Babilônia, fugi dos caldeus. Anunciai e proclamai isso com gritos de alegria, espalhai a notícia até os confins da terra. Dizei assim: ‘YHWH protegeu seu servo Jacó. Quando os levou pelo deserto, eles nunca passaram sede. Fez brotar água da pedra. Bateu na rocha e a água correu’” (Is 48,20-21).

Entretanto, quando alguém está enredado na tristeza, tende a encurtar os horizontes, não percebendo o que acontece ao redor, inclusive, os eventos alvissareiros. Com certeza, a situação dos exilados era semelhante<sup>17</sup>. Era preciso abrir-lhes os olhos e fazê-los alargar a visão e olhar o futuro com esperança.

O autor de Isaiás 40-55 apropria-se da memória do êxodo, com sua linguagem e sua teologia da libertação, e lhe dá uma nova interpretação, totalmente voltada para atender as carências do povo exilado. Evidentemente que o profeta do exílio, conhecedor da memória do êxodo, leu os fatos e os interpretou de forma tipológica. [...] O mais importante é que ele anunciou para a sofrida comunidade israelita na Babilônia, que um novo êxodo iria acontecer, fazendo renascer a esperança entre eles (SIQUEIRA, 2006, p. 23.24).

Advém, então, o brado do profeta: “Uma voz grita: ‘Abri no deserto um caminho para YHWH. Na região da terra seca, aplainai uma estrada para nosso Deus. Que todo vale seja aterrado, e todo monte e colina sejam nivelados. Que todo terreno acidentado se transforme em planície, e as elevações em lugar plano. Então se revelará a glória de YHWH, e toda carne, de uma só vez, a verá, pois assim falou a boca de YHWH’” (Is 40,3-5).

<sup>16</sup> “O tema do êxodo está claramente subjacente [no Dêutero-Isaias]. Sem procurarmos uma identificação exaustiva de tais motivos provenientes da tradição, poderíamos mencionar os seguintes: a saída (43,14-21; 48,20-22; 52,10; 55,12), a mão poderosa e o braço de Yahvé (40,10; 41,10; 50,2; 51,9; 52,10; 53,1), a travessia miraculosa do mar e do rio (43,2; 44,27; 51,9-10), a caminhada pelo deserto acompanhada da presença teofânica de Yahvé (40,3-5), milagres de perdão no deserto (41,17-20), entrada na terra prometida (49,8-13)” (BLENKINSOPP, 1966, p. 41).

<sup>17</sup> Deve-se levar em conta que “uma parte dos exilados – seja qual for seu tamanho – não pensava em cortar as raízes estabelecidas depois de permanecer três gerações na Babilônia e depois da declaração de liberdade de moradia do governo persa. Provavelmente, no final do século VI a.C., haviam se arranjado cultural, econômica e em parte religiosamente com a sociedade multicultural da Mesopotâmia e encontrado bom sustento” (GERSTENBERGER, 2014, p. 134).

O profeta utilizar-se-á das lembranças do evento da libertação do Egito para reafirmar que YHWH tem o poder de libertar, salvar e reconduzir, que é o Deus dos oprimidos e dos sofredores, do povo transgressor. E assim, Israel poderá refazer a experiência libertadora de um Deus que age em favor de seu povo. (VENÂNCIO; VIEIRA, 2015, p. 78).

Como no passado, o êxodo iminente seria obra do Deus salvador, o **יְהוָה** de Israel. Ciro seria o instrumento nas mãos de Deus para mudar a sorte do povo. O protagonista do êxodo dos exilados babilônicos seria o mesmo Deus que libertara Israel da tirania egípcia<sup>18</sup>. O profeta formulou o desígnio do Deus de Israel com palavras dramáticas: “Traz de longe meus filhos, traze dos confins da terra minhas filhas, e todos os que são chamados pelo meu nome, os que criei para minha glória, os que formei e fiz” (Is 43,6-7; MATOS, 2013)<sup>19</sup>.

O protagonismo divino transparece nas palavras do profeta. “Sacode a poeira, levante-te, Jerusalém cativa! Solta a corrente do pescoço, cativa filha de Sião... [...] Meu povo reconhecerá meu nome. Nesse dia compreenderá o que eu dizia: ‘Aqui estou!’” (Is 52,1-6).

Essa é a boa-nova a ser proclamada pelo mensageiro que anuncia a paz e proclama o senhorio de Deus, resgatador de seu povo, pois, “YHWH descobriu seu braço santo diante de todas as nações. Todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus” (Is 52,7-10).

Quando tudo parecia ter chegado ao fim, cabe ao profeta consolador insistir no que, em breve, acontecerá. “Grita de alegria, estéril que não dava à luz. Exulta com alegre canto, tu que não tinhas dores de parto, porque a mulher desolada terá mais filhos que a casada, diz YHWH. Aumenta o espaço de tua tenda, estende sem medo a lona, estica as cordas, finca as estacas, porque tu te estenderás para a direita e para a esquerda, tua descendência terá nações como herança e povoará cidades desoladas” (Is 54,1-3)<sup>20</sup>. E, mais: “Por um instante, eu te abandonei, mas com imensa compaixão volto a reunir-te. Num ímpeto de ira, por um momento eu escondi de ti meu rosto. Agora, com amor eterno, volto a me compadecer de ti, diz YHWH, o teu protetor (**יְהוָה**)” (Is 54,7-8). Jerusalém será reconstruída: “Eu assento seus muros sobre pedras preciosas e faço de safira a base. As muralhas eu faço de rubi, e as portas de esmeralda. Toda a sua muralha eu faço de pedras preciosas” (Is 54,11-12).

O único pré-requisito consistia em se voltar para Deus e se entregar, inteiramente, em suas mãos. “Buscai YHWH, enquanto ele se deixa encontrar. Invocai-o, agora que está perto. Que o mau abandone seu caminho e o homem injusto mude seus projetos. Que volte para YHWH, e ele terá compaixão. Que volte para nosso Deus, pois ele é rico em perdão” (Is 55,6-7). A conversão para Deus teria como desdobramento a volta para a terra, como penhor de bênção e salvação.

A consolação exigia trilhar o árduo caminho da conversão. O profeta não caiu na armadilha das promessas religiosas equivocadas, sem a contrapartida humana. A missão de consolador comportava chamar o povo à conversão, requisito para uma fundada hermenêutica teológica da história<sup>21</sup>.

<sup>18</sup> Para uma comparação entre o êxodo do Egito e o êxodo da Babilônia no Dêutero-Isaias (VENÂNCIO; VIEIRA, 2015, p. 77-85).

<sup>19</sup> Chama a atenção a forma singular do imperativo “traze”, repetido duas vezes. A ordem se destina ao rei persa, Ciro?

<sup>20</sup> Schwantes sublinha a dimensão cosmopolita da expectativa dêutero-isaiana. O “Segundo Isaias não está, pois, centrado no templo. A cidade é-lhe mais relevante. Ela é um tipo de abrigo para os que regressam da *golah* e da diáspora. É uma espécie de ‘tenda’ (54,1) para romeiros. Transborda de tanta gente que vem chegando. A perspectiva dêutero-isaiana e, pois, tipicamente urbana. Em sua *utopia a polis* ocupa lugar central, no que aliás é herdeira do Primeiro Isaias (Isaias 1,21-28)” (SCHWANTES, 2007, p. 101 – grifos do autor).

<sup>21</sup> Jesus de Nazaré adentrou o filão aberto pelo profeta do exílio, ao iniciar seu ministério com dois imperativos: “Convertei-vos e crede no evangelho!” (Mc 1,15).

## Conclusão: a consolação profética dos “exilados” de nosso tempo

O Dêutero-Isaías corre o risco de passar por falso profeta, pois o retorno do exílio esteve longe de corresponder às maravilhas de sua pregação, proclamando a restauração gloriosa de Israel. De fato, Ciro venceu os babilônios e permitiu a volta dos exilados, embora, um grande número de israelitas tenha permanecido na Babilônia, não trocando o certo pelo incerto. O Templo foi reconstruído, sem grande esplendor. A cidade foi repovoada e as muralhas, muito tempo depois, foram restauradas. Todavia, o retorno à Terra foi marcado por conflitos e sérios desentendimentos entre os que regressavam do exílio e os que haviam permanecido. Os livros de Esdras e de Neemias narram essa quadra dramática da história de Israel.

O profeta teria cometido um equívoco? Certamente, não! A quem está abatido e em crise, importa apresentar-lhe motivos para levantar a cabeça e seguir adiante. Entretanto, a sequência da história depende de fatores imponderáveis, fora do controle de quem prega a esperança e atua como consolador. Uma coisa é certa: o Dêutero-Isaías cumpriu sua missão, com sinceridade e honestidade; suas palavras expressaram, deveras, o conteúdo de sua fé.

A missão de consolador do Dêutero-Isaías levanta a questão da consolação de que carecem os refugiados e migrantes forçados ou não, de nosso tempo, cujo abandono e encurtamento de horizonte, com os desdobramentos conhecidos, assemelham-se aos do Israel exilado na Babilônia, com os mesmos riscos de desespero, num sofrimento atroz a lhes tirar a disposição para viver e a lhes matar, no coração, a esperança.

A releitura do Dêutero-Isaías, tendo diante dos olhos a situação de milhões de irmãos e irmãs nossos, torna-se fonte de inspiração para cristãos e cristãs de boa-vontade, nesse momento trágico da história, quando tantos seres humanos são forçados a sair de seus países para viver em terras estranhas, desenraizados de suas culturas e dos valores que lhes são mais caros<sup>22</sup>.

O Papa Francisco tem sido consolador exemplar de refugiados e migrantes, uma enorme massa de sofredores. Seu testemunho chama a atenção para uma dimensão importante do profetismo na atualidade: consolar, abrindo perspectivas, alargando horizonte e construindo a esperança, no coração das vítimas do “exílio” forçado, verdadeiro aguilhão na consciência dos discípulos e das discípulas de Jesus de Nazaré, convocados para agir, com convicção idêntica à do consolador dos exilados na Babilônia.

## Referências

- ACQUAROLI, Armando Rafael Castro, Marduk x Yhwh: duelo de gigantes. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 124, p. 375-382, 2014.
- ALONSO SCHÖKEL, Luis Alonso; SICRE DÍAZ, José Luis. *Profetas I*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- BLINKINSOPP, Joseph. Alcance e profundidade: da tradição do Êxodo no Dêutero-Isaías, 40-55. *Concilium*, Barcelos, n. 10, p. 37-46, 1966.
- CARDONA RAMÍREZ, Hernán. Palavra del profeta en el exilio – Una mirada bíblica del desplazamiento en Colombia. *Cuestiones Teológicas*, Medellín, n. 77, 2005. Disponível em: <<https://revistas.upb.edu.co/index.php/cuestiones/article/viewFile/105/485>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

<sup>22</sup> Veja a hermenêutica do Dêutero-Isaías, tendo como pano de fundo a situação da Colômbia, flagelada por décadas de guerrilhas, com as sequelas de morte, destruição e deslocamentos forçados, em CARDONA RAMÍREZ, 2005, p. 105-117.

- CARLESSO, Jair. “Nos salgueiros penduramos nossas harpas” (Sl 137,2): o exílio babilônico. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 134, p. 120-135, 2017.
- CROATTO, José Severino. La propuesta querigmática del Segundo Isaías. *Revista Bíblica*, Buenos Aires, n. 2, p. 65-76, 1994.
- CROATTO, José Severino. *Isaías – A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol II: 40-55 – A libertação é possível. São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes, 1998.
- DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol. 2: Da época da divisão do Reino até Alexandre Magno. São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes, 1997.
- FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- GERSTENBERGER, Ehard S. *Israel no tempo dos persas – Séculos V e IV antes de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2014.
- GOWAN, Donald E. *Theology of the Prophetic Books*. The Death & Resurrection of Israel. Louisville: Westminster John Knox Press, 1998.
- LORASCHI, Celso. Dêutero-Isaías e o nascimento do Monoteísmo. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 124, p. 383-394, 2014.
- MARQUES, Maria Antônia; NAKANOSE, Shigeyuki. O Senhor terá compaixão: uma leitura de Isaías 55,1-11. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 89, p. 60-69, 2006.
- MATOS, Sue'hellen Monteiro de. *Não temas! Gritei por teu nome: Estudo da concepção materna de Javé em Dêutero-Isaías a partir da análise exegética de Is 43,1-7*. São Bernardo do Campo, 2013. 132p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/282/1/SUEHELLEN%20MONTEIRO%20DE%20MATOS.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2018.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. Cativo da Babilônia: uma crise criativa. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis; São Leopoldo, n. 43, p. 39-43, 1994.
- SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e Esperança no Exílio: História e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2007.
- SICRE DÍAZ, José Luis. *Introdução ao Profetismo Bíblico*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- SIQUEIRA, Tércio Machado. Segundo Isaías: o anúncio da permanente esperança. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 89, p. 19-24, 2006.
- VENÂNCIO, Mariana Aparecida; VIEIRA, Geraldo Dondici. O novo êxodo: opressão e libertação no século VI a.C. *CES REVISTA*, Juiz de Fora, n. 1, p. 77-85, 2015. Disponível em: <<https://seer.cesjf.br/index.php/cesRevista/article/view/194>>. Acesso em: 01 set. 2017.
- VITÓRIO, Jaldemir, “Com amor eterno, tenho misericórdia de ti” (Is 54,8) – O Deus *go'el*: Teologia da misericórdia no Dêutero-Isaías. *Studium*, Várzea Grande, n. 1, p. 11-27, 2016.
- WEBLER, Jacinta. “Eu te desenhei na palma das mãos” (Is 49,16): a misericórdia e a compaixão no Dêutero-Isaías, na teologia latino-americana e na espiritualidade cristã: um estudo integrativo. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: FAJE, 2006.
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Um Deus à altura dos desafios da realidade (Isaías 40-55). *Âncora – Revista Digital de Estudos em Religião*, v. 2, jun. 2007. Disponível em: <[http://www.revistaancora.com.br/revista\\_2/04.pdf](http://www.revistaancora.com.br/revista_2/04.pdf)>. Acesso em: 01 set. 2017.

Recebido em: 19/03/2018

Aprovado em: 26/05/2018

Jaldemir Vitório, SJ  
Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – Planalto  
31720-300 – Belo Horizonte, MG, Brasil